



Estudiosa das produções periódicas contemporâneas, ou mais especificamente das revistas literárias brasileiras, Maria Lúcia Camargo relaciona algumas características desse tipo de produção, chamando a atenção que uma revista literária não publica tão somente matéria ou assunto literário, mas define como principal elemento da constituição da revista o grupo de intelectuais e artistas que dela fazem seu veículo de expressão. Segundo essa mesma pesquisadora, um grupo identifica-se com a revista, nela publica seu pensamento e suas reflexões, e nela deixa registrada a marca que o identifica. Gênero francamente moderno e contemporâneo, as revistas literárias funcionam, diz ainda Maria Lúcia Camargo, como um “modo de organização, constituição, legitimação e reconhecimento das ideias de um determinado grupo”¹, apontando para a tendência do pensamento, das indagações e dos interesses que se apresentam aos autores de uma revista ou que para que essa revista contribuam, diríamos nós, as editoras de um periódico.

Navegações – Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa não constitui uma revista literária, mas como periódico científico reforça algumas das características elencadas pela citada autora para as revistas literárias. *A Navegações* abre suas páginas para nela divulgar as contribuições críticas, dar conhecimento os resultados de pesquisa e definir as zonas de preocupação e interesse de um grupo que, mesmo distanciado geográfica e culturalmente, garante sua união por meio de um elemento fundamental: a língua portuguesa, sua expressão na literatura e sua presença na cultura de diferentes povos de Europa, América e África.

Este número de *Navegações* – estruturado em torno das seções que compõem o periódico organizado pela Faculdade de Letras da PUCRS e o Centro de Literaturas de Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – CLEPUL – Universidade de Lisboa, expressa essa marca. Nas seções que o compõem – “Ensaaios”, “Recensões” e “Entrevistas/Documentos” – encontra-se o pensamento de um conjunto de estudiosos que, situados no Brasil e em Portugal, dão conta do espectro amplo da literatura e da cultura produzida em língua portuguesa, abrangendo questões que dizem respeito a variados autores em diferentes temporalidades.

A seção “Ensaaios” reúne onze estudos, quatro dos quais recaem sobre o passado português e brasileiro, enquanto os restantes enfocam autores e obras do Brasil, de Portugal e de África. Os ensaios que remetem aos tempos pretéritos incidem sobre a relação que se estabeleceu entre os intelectuais portugueses e brasileiros, nos séculos XIX e XX, com base na teoria do hibridismo cultural. O suporte teórico atual permite analisar as relações entre dois espaços culturais distintos, mas que podem ser consideradas faces de uma mesma moeda, como diz Tania Martuscelli, a autora do texto intitulado “Intelectuais portugueses e brasileiros: tópicos para uma discussão sobre o hibridismo cultural”. Em outro ensaio, “Memória e imortalidade nas recordações de Sousa Bastos”, Richard Bertolin de Oliveira e Alberto Ferreira da Rocha Júnior analisam a contribuição de uma importante figura da cultura portuguesa – o dramaturgo, diretor e empresário Antônio de Sousa Bastos - oferecendo elementos para que se conheça um pouco mais sobre o fluxo cultural entre Portugal e o Brasil, no século XIX, pelos artistas que cruzavam o Atlântico nos dois sentidos da viagem. O

¹ CAMARGO, Maria Lúcia. Revistas literárias contemporâneas. In: LUSTOSA, Isabel (Org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 256.

século XIX chega também através do estudo de Elsa Pereira, ao abordar as “Edições portuguesas das obras de Casimiro de Abreu”. De origem portuguesa, o poeta de *Primaveras* viveu por um breve período na terra de suas ascendentes, lá estabelecendo relações literárias e culturais, objeto do estudo desse artigo. A história da literatura goesa, escrita em língua portuguesa, oferece uma contribuição significativa a essa (pouca) estudada produção da ex-colônia portuguesa na Índia. Em “A poesia nas histórias da literatura goesa de língua portuguesa”, Hélder Garmes percorre os textos históricos e críticos para traçar a história de um gênero – a poesia do século XIX – em um ambiente cultural e literário pouco frequentado pela historiografia.

Em “O riso discreto e o soneto cômico: *A uns olhos tortos*”, Cássio Roberto Borges da Silva e Valéria Pereira Silva partem da noção do cômico aristotélico para discutir o gradativo afastamento da norma ética em favor do tratamento engenhoso das torpezas, enfocando o soneto “A uns olhos tortos”, de Bacelar, como representativo dessa proposta.

Outro conjunto de textos investe mais diretamente na literatura em prosa produzida no Brasil, privilegiando a obra de Lygia Fagundes Telles, Dyonelio Machado, Graciliano Ramos, Luiz Antonio de Assis Brasil. O ensaio de autoria de Alva Martinez Teixeira, significativamente intitulado “Hora de tirar o espartilho – a problemática feminina nos contos de Lygia Fagundes Telles”, traz uma análise da prosa de Lygia, que destaca a condição da mulher, a criação do universo feminino, sua problemática e recursos narrativos, mostrando a distância da autora de *As meninas* das tendências contemporâneas no tratamento da matéria. Em abordagem comparatista, Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado, em “A balada do homem abatido: um estudo comparativo entre *Os ratos* e *Angústia*”, volta-se para duas obras da literatura brasileira da década de 1930, analisando os recursos narrativos e os signos presentes em ambas as narrativas. Maria Regina Barcelos Bettiol estabelece uma analogia entre pintura e a literatura, tomando por referência os romances *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago, e *A margem imóvel do rio*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, para examinar a figuração da personagem nesses romances.

A perspectiva comparatista marca sua presença também quando passamos ao campo das literaturas portuguesa e africana. Em “Antonin Artaud e Mário Cesariny: desconstrução da metáfora solar”, Luciana Abreu Jardim analisa a influência do conceito de metáfora, com base nas considerações teóricas da Jacques Derrida, aproximando a poesia do francês Antonin Artaud da produção do poeta português Mário Cesariny. Igualmente sob a perspectiva comparatista, são analisados dois contos dos moçambicanos João Dias e Luís Bernardo Honwana, enfocando a representação do trabalho na sociedade africana, submetida ao processo colonial, em um texto escrito por Vecchia Rocha e Silva e Tatiane Reghini de Mattos.

Por último, o já conhecido romance *A costa dos murmúrios*, de Lidia Jorge, é analisado por Marisel Valério Porto e Aulus Mandagará Martins, em um texto em que os autores investigam o teor documental na obra, sobretudo a experiência da guerra colonial vivida pela autora da obra.

A seção “Entrevistas” está enriquecida com a conversa entre Eduardo Lourenço e Rui Sousa, realizada na Fundação Calouste Gulbenkian, em 2015, ao final do *Congresso 100 Orpheu*. Eduardo Lourenço, para além de seus 90 anos de vida, é uma mente brilhante e lúcida, a quem devemos ouvir para entender mais esse Portugal do passado, mas para fazer até chegar até nós o Portugal do presente. Eduardo Lourenço, como diz o entrevistador, é uma personalidade que “marca sua presença soberana”, expondo seu pensamento sobre vários assuntos literários (ou não).

No campo das “Recensões”, são analisados dois textos ficcionais – *A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo*, de José Eduardo Agualusa, e *Do gato Ulisses as sete histórias*, de Juva Batella. O primeiro, de autoria de Luara Pinto Minuzzi, trata da famosa personagem histórica, a rainha Ginga, posteriormente

batizada pelos europeus, como Dona Ana de Sousa, vista ficcionalmente sob a ótica do mundo africano, na narrativa de Aqualusa. Eurídice Gomes apresenta o livro de Juva Batella, em que o autor “agarra a epopeia pelo cachaço”, como diz a autora da resenha, para narrar a história do gato Ulisses, único sobrevivente de uma ninhada de sete gatinhos, num invocação a temas clássicos, como a vida e a morte. Vania Chaves comenta o livro de Milton Torres, *A epopeia amazônica de Frei Pedro de Santo Eliseu: Viagem (1746)*, que recupera um texto apócrifo. O ensaio introdutório de Torres se ocupa ainda da *Muhuraida ou O Triunfo da Fé*, de Henrique João Wilkens, que, datada de 1775, é, por excelência, a epopeia mariana da Amazônia. Documento de valor histórico e literário, esse volume resulta de pesquisa desenvolvida pelo investigador na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Reúnem-se, portanto, neste volume de *Navegações* os estudos de pesquisadores que, às vezes separado geograficamente, aquém ou além do Atlântico, expressam suas reflexões, seus interesses – teóricos e literários – e mantém por propósito a divulgação de um patrimônio comum histórico e cultural.

MARIA EUNICE MOREIRA
VANIA PINHEIRO CHAVES
Editoras